

UMA REFLEXÃO SOBRE HABILIDADES DE LEITURA – ENTREVISTA COM ROSAURA BAIÃO

A REFLECTION ON READING SKILLS – INTERVIEW WITH ROSAURA BAIÃO

Rosaura de Barros Baião¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, RJ, Brasil
rosauraling1@gmail.com

Entrevista concedida em 17 jun. 2019

Entrevista com a professora Rosaura de Barros Baião, professora do setor de prática de ensino de língua e literaturas no Departamento de Letras da FFP-UERJ e da Pós-Graduação em Educação Básica, modalidade Língua Portuguesa.

Pensares em Revista – *Como as práticas de leitura estão presentes no ensino? Que reflexões sobre leitura você considera importantes para o professor na sua prática docente?*

Rosaura de Barros Baião – Atividades docentes me fizeram e me fazem refletir muito sobre a formação de nossos alunos, que contribuição e/ou responsabilidade os professores e professoras efetivamente têm.

Diante da tarefa de ensinar, compartilhar conhecimento e promover práticas, entendo que é absolutamente necessário analisar conteúdos e procedimentos utilizados que possam conduzir a resultados significativos, ou seja, será que a instrumentalização que o aluno recebe na sala de aula é capaz de contribuir para sua formação? E, nesse sentido, reflito aqui sobre a prática de leitura, que compõe as aulas de língua materna, de língua portuguesa, ou deveria compor.

Alguém poderia questionar essa afirmativa, afinal, sempre se leem textos em aulas, especialmente em aulas de língua portuguesa. Pois bem, essa prática de leitura, discussão, escrita, resolução de tarefas em sala de aula faz parte do programa e da metodologia de qualquer disciplina, minimamente, para dar andamento ao conteúdo. Nesses casos, a atividade de leitura não tem nenhuma outra preocupação a não ser informar aos alunos o conteúdo de um texto, o direcionamento das atividades e fazer a aula prosseguir, se por acaso o aluno não entender determinado ponto, haverá o auxílio do professor, para explicar. Assim, entendemos que dessa forma a atividade de leitura não constitui uma prática em si mesmo, e sim, um componente necessário para o andamento da aula.

E o que parece chamar ainda mais a atenção quando refletimos sobre atividades de leitura é o fato de o professor de língua portuguesa necessitar acrescentar em seu trabalho leituras de livros, textos, com a finalidade de exigí-las em provas. Posso deduzir, então, que estamos (nisso me incluo como professora) exigindo algo que achamos que praticamos em sala de aula, ou seja, “ler” textos como atividade necessária para o andamento da aula e sem a preocupação de desenvolver habilidades com foco na leitura e entendimento especificamente, não vai contribuir para a “construção” de pessoas com boa capacidade de leitura. Não utilizei a palavra “leitores” por esta estar muito atrelada a pessoas que leem livros, fundamentalmente, e aqui estou trabalhando com uma visão bem mais abrangente da atividade de leitura.

P. R. – *De que forma as ideias de Paulo Freire podem contribuir para pensarmos hoje a leitura e suas práticas no ensino?*

R. B. B. – “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” – essa famosa afirmação do mestre Paulo Freire é por demais verdadeira, ele realmente sabia o que estava falando, embora não tivesse foco diretamente na prática de leitura em si mesmo. Entretanto, entendemos suas reflexões sobre a questão de se formar um cidadão, assim sendo, começamos a vislumbrar que se o conhecimento de mundo que temos é importante, não, é fundamental para a atividade de leitura, é natural que se possa deduzir que tal atividade é interativa, certo? E se assim concordarmos que seja, precisamos praticar a parte que nos cabe enquanto “leitores”, pois a outra parte já está pronta, é o texto, é a imagem, é a situação etc. É com esta ideia que precisamos praticar e desenvolver as habilidades de leitura, tão necessárias para estarmos inseridos no mundo e na sociedade, e não somente para fazermos boas provas e bons trabalhos escolares.

P. R. – *Quais são as principais dificuldades que os professores costumam encontrar no trabalho com a leitura em sala de aula?*

R. B. B. – Em sala de aula, quando são propostas atividades de leitura e interpretação, muitas vezes o aluno comenta: “Não entendi o que está escrito. Não sei responder”. E muitas vezes o professor responde: - As respostas estão no texto, é só ler com atenção.” Trago esse diálogo recorrente como uma tentativa de ilustrar o que verdadeiramente ainda acontece em relação ao exercício da leitura/interpretação. Quantas vezes os alunos ouvem que as respostas estão no texto? E isso não poderia nem pode ser visto como desonestidade, como desvio de informação etc. Na verdade, é desconhecimento mesmo, é não perceber que na leitura lidamos com ideias de outra ou outras pessoas, que na leitura estamos quase em uma conversa e que para permanecermos, temos de tomar consciência das mensagens. Só que não reagimos como se de fato estivéssemos em uma conversa, pois a outra parte está presente somente com as ideias. Então o desafio para que se entenda o texto a figura, a situação etc. não passa unicamente pelo autor, porque se estabelece uma interação.

P. R. – *E pensar a leitura como interação traz a ideia de que o leitor possa ter outros modos de ler...*

R. B. B. – Numa interação é necessário que a outra parte atue, “converse”. Como? A conversa é diferente, tem peculiaridades: precisa ser percebida, decodificada, elaborada, questionada, comprovada por evidências, concluída, para que se possa prosseguir com o texto, examinar mais a figura e analisar mais a situação. Logo, o trabalho de interação precisa ser compreendido e levado a sério, descaracterizando a afirmação de que “...as informações, as respostas estão no texto.”

As respostas, o entendimento está no texto e fora dele, com quem entra em contato com esse texto, ou seja, com o leitor, este que precisa ser capaz de reproduzir as ideias do autor.

Antes de discutir as etapas do processo de leitura, é importante destacar que na questão da interação entre autor, texto e leitor, este leitor entenderá as etapas que percorre no evento de leitura porque possui conhecimento fora do texto,

conhecimento sociocultural, tal como argumentam estudiosos do assunto como Angela Kleiman (1995, 2012), Fulgêncio e Liberato (2018), Ingedore Koch (2011) e tantos outros, além de produzir sentido à afirmação de Paulo Freire, já citada; “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, sem conhecimento de mundo não é possível ter contato com outras ideias, porque não haverá interação, não haverá como o leitor reproduzir as ideias do autor.

Se concordamos com esse entendimento, é porque estamos admitindo que o evento que envolve a leitura não pode ser considerado sem a interação entre as partes, por isso é correto considerarmos o leitor como parte integrante do processo e não apenas como alguém que recebe a mensagem, ele não só a recebe como também a reconstrói. Sendo assim, precisamos refletir sobre a prática de leitura feita nas instituições de ensino, ou nas aulas de leitura que fazem parte do ensino de língua portuguesa.

Diante de tantos estudiosos do processo cognitivo em que se baseia a leitura, nos fazendo compreender que a “conversa” com o autor se dá por meio da materialização de suas ideias, entendemos que essa “conversa” é permeada de reações típicas de atividades de linguagem, tais como: elaboração, hipóteses, deduções, reorganização de hipóteses, conclusões e tantas outras operações mentais necessárias ao entendimento e à reflexão. Enfim, tais operações mentais costumam ser construídas num processo de interação, pois só diante da constatação de alguma ideia é que podemos reagir, tentando interpretá-la, produzir sentido a ela. Mesmo que as ideias nos sejam apresentadas sem que uma das partes esteja presente fisicamente, como é o caso do autor do texto escrito, logo, não podemos deixar de insistir na questão da interação em uma situação de leitura, pois o autor está presente por meio de suas ideias apresentadas no texto.

Podemos entender o processo de leitura dessa forma, porque este é uma atividade de linguagem que leva em conta o processo comunicativo que acontece em um espaço de interação, de atividade dialógica. Para essa discussão, nos baseamos nas ideias de Bakhtin, que entende a língua como um espaço de interação, como atividade social, em que os integrantes que compõem o processo comunicativo organizam a produção do texto, organizam o gênero discursivo empregado em cada situação.

Nesse sentido, podemos entender que a comunicação efetiva-se por meio de gêneros discursivos que vão além da forma e da estrutura, caracterizando o espaço de interação. É a partir dessa compreensão do espaço de interação caracterizado pelo processo de comunicação que entendemos o evento da leitura, encarada como um processo, porque abrange várias etapas para que o sentido das mensagens seja devidamente produzido.

Recorremos também a Vygotsky para embasar ainda mais a questão da interação no processo de leitura, evidenciando a importância do papel do leitor. Ele enfatiza a dialética entre o indivíduo e a sociedade, de modo que o processo de aprendizagem é construído por efeito da interação social, da linguagem e de alguns outros fatores, como o ambiente sociocultural, por exemplo.

Dessa forma, ao estar em um evento de leitura, entendo mais consistentemente o papel do leitor, pois a troca se dá entre informações fornecidas pelo autor e informações que fazem parte do conhecimento do leitor, que vão sendo elaboradas para reconstrução do que o autor propõe.

Sendo assim, entendemos que atividades de linguagem necessitam, necessariamente, de interação e é a partir desse entendimento que pretendo sugerir

a abordagem da leitura, o desenvolvimento das habilidades que caracterizam o leitor e as possíveis práticas para o exercício da reflexão e produção de sentido daquilo que se lê, a interpretação das ideias. Com isso, entendo que o leitor seria conscientizado de seu trabalho, que sem o trabalho de interação dele nada acontece, ou seja, o texto não produz sentido sozinho, o autor não consegue comunicar suas ideias sozinho, ele precisa do interlocutor leitor, o que caracteriza o papel ativo desse leitor, a responsabilidade de interagir como se deve em um evento de leitura. O autor sem a parceria do leitor não consegue comunicar. É como afirma José Morais, 2013:

O que é a compreensão de um texto? É a elaboração progressiva de uma representação mental integrada das informações apresentadas sucessivamente no texto, de tal maneira que os objetivos do seu autor sejam corretamente apreciados. (...) (MORAIS, 2013, p. 111)

No espaço de interação falado anteriormente em relação à leitura, podemos entender que para se cumprir a tarefa a qual se refere Morais, os objetivos do autor serem corretamente apreciados, o leitor precisa interagir e trabalhar mentalmente para que isso aconteça. Caso isso não ocorra, os objetivos do autor podem não ser corretamente apreciados, nas palavras de Morais, e o texto não ser compreendido.

Angela Kleiman, (1995; 2012) em obras dedicadas ao estudo da leitura, cita a importância do conhecimento de mundo, do conhecimento linguístico e do conhecimento textual como sendo imprescindíveis para o evento da leitura. Todos esses conhecimentos acionados no espaço de interação em que ocorre a leitura.

Portanto, me parece fundamental que o leitor assuma seu papel, a responsabilidade de ler um livro, um pequeno texto, um cartaz, o que for, o que precisa ficar claro, no meu entendimento, é o espaço de interação que se instaura no evento de leitura.

Daí que podemos deduzir que ser leitor é bem mais do que somente decodificar informações, é preciso “trabalhar”.

Considerando a questão do compartilhamento, da interação, algo fundamental para o evento da leitura, o lugar do leitor é equivalente ao do autor, pois o processo de leitura necessita de elaboração e reprodução dessa elaboração, o que equivale ao trabalho do autor e ao trabalho do leitor respectivamente. Sendo assim, podemos afirmar que o que faz de mim um leitor é o fato de eu interagir ativamente com as ideias do autor, fazer a minha parte nos eventos de leitura.

Creio que esse é nosso ponto fundamental: se o leitor não conhece o seu lugar, a responsabilidade de cumprir sua parte no evento de leitura, realmente não pode se comportar como parte ativa, de quem o autor depende para que suas ideias sejam interpretadas. Então, o que fazer? Minha sugestão é justamente tentar imprimir esse status, o papel de leitor. Mas não é isso que vimos falando há algum tempo, sobre a importância da formação do leitor? Sim, estamos falando sobre isso há muito tempo, mas me parece que em relação a contribuir para a prática de leitura não é somente dar boas sugestões de leitura, mas, principalmente, orientar em relação ao processo cognitivo durante a leitura.

P. R. – *Nesse sentido, que orientações o professor pode trazer para a sala de aula?*

R. B. B. – O professor pode levantar algumas indagações como, por exemplo: o que preciso fazer para entender esse texto? Em que consiste a minha parte?

O que acredito que seja fundamental para um trabalho de tomada de consciência do leitor é ele saber as etapas que precisa percorrer para interagir com as ideias do autor (por trás de todo texto há um autor ou mais de um e determinadas intenções). Imagino que um trabalho focalizando tais etapas vai fazer com que o leitor entenda que ele também é responsável por interpretar.

Num evento de leitura o leitor precisa estar consciente do que necessita fazer, precisa estar consciente de que é parte ativa no processo de leitura e necessita contribuir da melhor forma, até para criticar o autor. Porém, o que não é mais aceitável é trabalhar superficialmente o texto ou simplesmente indicar livros para serem lidos para provas, trabalhos, deixando a responsabilidade da leitura por conta do aluno. É claro que queremos leitores independentes, autônomos, e é por isso que entendo ser fundamental trabalhar as etapas de leitura antes de sugerir qualquer livro, parte a que vamos nos dedicar posteriormente.

P. R. – *Como seriam essas etapas de leitura?*

R. B. B. – Ao longo dos anos ouvimos incessantemente que um número grande de pessoas não compreende várias atividades sociais, não sabe interpretar diversas situações e também que, tais pessoas não interagem como deveriam para obter bons resultados em suas relações interpessoais, além do fato de terem dificuldade na escrita. Estas atividades estão relacionadas no programa de Língua portuguesa e, embora possam ter pouco espaço em suas práticas, não podemos afirmar que não sejam contempladas pelos professores. Assim, é certo que alunos deveriam ter mais desenvoltura para leitura e escrita, mas isso nem sempre acontece. Claro que, enquanto professores, nos esforçamos ao máximo para que nosso trabalho produza bom resultado, por isso é sempre interessante refletirmos sobre o que estamos fazendo e de que maneira.

É com esta preocupação que abordamos a prática da leitura, esta atividade que faz parte do programa de língua portuguesa e ainda determina livros para os alunos lerem e interpretarem em avaliações. Sabemos que esta atividade tem o propósito também de iniciar os alunos no processo de leitura e construir leitores (ou pelo menos deveria ter). Entretanto, em muitos casos, parece haver o efeito contrário dessa prática.

Acreditando na verdade das ideias de Giardinelli (2010, p. 21-22), que afirma que “não é possível nem sequer imaginar um futuro para o mundo sem leitura”, “sem povos leitores que forjem nos livros seu critério e aprimorem sua democracia”, acrescento que a escola tem o papel fundamental de contribuir para o crescimento intelectual de pessoas que integram a sociedade, que fazem parte de uma nação que utiliza a escrita, pessoas que necessitam aprimorar as reflexões, o pensamento crítico, elaborar discurso e argumentos próprios. Todo esse aparato pode ser desenvolvido com aulas de leitura, aulas que levem em conta práticas de compreensão de textos em sala de aula com objetivos estabelecidos.

Deixando de lado as críticas ao que está posto, é tempo de sugerir, efetivamente, estratégias que se configurem em aulas de leitura que evidenciem habilidades cognitivas para refletir e produzir sentido. É importante ressaltar que precisamos reconhecer a necessidade de trabalhar a leitura com plenitude, procurando desenvolver habilidades para formar leitores autônomos. Registro importante também à obra de Koch e Elias, 2011, em que apresentam atividades de interpretação com texto que merecem ser transportadas para a sala de aula.

Nesse sentido, inicialmente, todos devem saber de suas responsabilidades enquanto leitores, não há como fugir. Ao engajar-se num evento de leitura, o leitor precisa estar consciente do papel que irá desempenhar, é parte integrante e ativa do processo de leitura, por isso necessita aderir ao evento, o que significa saber que precisa fazer sua parte, o autor não fará tudo sozinho, vai propor interpretações e caminhos que o leitor precisa seguir, para haver interação e o entendimento se efetivar. Registre-se, também, que o entendimento precisa haver sempre, até para haver discordância, logo, o que precisa ser feito é elaboração das informações, seguindo as operações mentais, isso parece ser também o que vai garantir o exercício da reflexão, atividade que talvez precise ser mais praticada em todas as instâncias. A leitura pode garantir já esse benefício, o exercício da reflexão, por meio das operações mentais necessárias para elaboração do entendimento.

Defendo que essa prática possa fazer parte das aulas de leitura em sala de aula, precisamos “ensinar” a ler, ensinar a elaborar entendimento daquilo que se lê, e não aceitarmos as informações simplesmente, sem elaboração não haverá entendimento.

P. R. – *E como você sugere que se desenvolva essa prática em sala de aula? Poderia apresentar um exemplo de atividade?*

Para tentar dar conta de toda a atividade, ou pelo menos da maior parte, sugiro o trabalho com textos pequenos. Quando os alunos estiverem mais seguros e sentindo-se mais integrados ao processo, o professor poderia se aventurar em textos maiores, dividindo a dinâmica em mais de um dia.

Apresentamos um texto pequeno que constitui um livro de Contos de fadas. Um detalhe que parece ser de grande importância é o fato de o texto não ser conhecido. Este que veremos agora foi escolhido para ilustração, mas o professor sabe o que selecionar porque é quem conhece sua turma.

Vamos, para discussão, apresentar o texto em partes, como sugerimos que o professor faça com a turma. Não deve entregar o texto completo, apenas quando a atividade for finalizada.

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

Era uma vez, num tempo muito distante, um alfaiate que, de tanto viajar, acabou chegando num país desconhecido. Bem, geralmente alfaiates itinerantes são quietos e cuidadosos, não passando dos limites da moral local. Mas este alfaiate era desagregador e sem o mínimo decoro. Logo o vimos na estalagem abusando de álcool, invadindo o espaço pessoal das garçonetes, contando piadas sobre pessoas verticalmente prejudicadas (anões), horizontalmente avantajadas (gordos), ou com proposta capilar alternativa (carecas).

A sugestão é que o professor pare a leitura do texto nesse ponto e reflita com os alunos: nessa primeira parte, as expectativas dos leitores começam a se formar pelo título e a palavra “alfaiate” logo é relacionada. Essa associação sugere que o alfaiate, criador de roupas masculinas, vá fazer uma roupa nova para alguém que é imperador. Creio que não há como imaginarmos a roupa, mas, a maneira como o alfaiate é descrito, pode fazer-nos criar a expectativa de ser uma roupa um pouco ridícula, já que o alfaiate é pessoa que faz piadas preconceituosas. Então, pela

descrição do jeito do alfaiate, podemos criar a hipótese de que uma roupa ridícula será criada para o imperador. Entretanto, outros alunos podem não concordar. Ao longo da história vamos testar as hipóteses corretas.

É importante que o professor dinamize a possibilidade de criação de hipóteses sobre a história, analisando com os alunos os motivos de elaborarem as hipóteses que elaboraram, fazendo-os analisar as possibilidades de dedução a partir das informações da história, isso ajuda a criar um clima de suspense e vontade de todos quererem saber a sequência da narrativa. E o professor segue distribuindo um outro pedaço do texto e continuando a leitura:

O dono da estalagem queixou-se à polícia, que prendeu o alfaiate e jogou-o aos pés do imperador. Como se pode esperar de um imperador, uma vida inteira de crença na absoluta legitimidade da monarquia e na inerente superioridade dos machos, tinha feito dele um tirano vaidoso e sem sabedoria. O alfaiate notou esses traços e decidiu tirar vantagens disso. O imperador então perguntou: “Você tem um último pedido antes de ser banido de meu reino para sempre?”

Nessa sequência, o professor pode discutir questões de personalidade, regimes de governo, questões de gênero e suas características, fazer associações com o texto. Pode também pedir para os alunos formularem hipóteses sobre o pedido do alfaiate, baseados na informação de que ele poderia tirar vantagem sobre o imperador. À medida que os alunos vão testando as hipóteses e acertando pode haver discussões sobre os erros e acertos das formulações. Isso permite que se exercite a reflexão, que se pondere a relevância ou não de determinadas conclusões sobre a realidade apresentada.

O professor pode seguir um pouco mais com a leitura:

O alfaiate replicou: - Apenas que me seja concedida permissão de costurar novas roupas para Sua Majestade. Pois tenho comigo um tecido que é tão raro e especial que só pode ser visto por certas pessoas - aquelas que o senhor deseja ter no seu reino - pessoas que são politicamente corretas, moralmente ímpolitas, intelectualmente desenvolvidas, culturalmente tolerantes e que não fumam, não bebem, não riem de piadas sexistas, preferem ler a ver TV, assinam Veja, ouvem música popular brasileira e não frequentam churrascos.

Nessa parte, pode-se reforçar a ideia do que vem a ser o “politicamente correto”. O leitor terá de recorrer a seu conhecimento de mundo, para interpretar informações aparentemente descontextualizadas da história e perceber o efeito do humor que isso provoca. Pode-se falar também de preconceito e sugerir que alguma passagem do texto conduz a esse entendimento, não claramente, mas como uma sugestão para que o leitor faça inferências nesse sentido. O professor pode reforçar a ideia da elaboração de inferências. E continuar a pedir para que os alunos construam hipóteses, imaginando a reação do imperador, já que ele é descrito como alguém vaidoso.

Claro que, nesse momento da leitura, pode ser que os alunos estejam bastante estimulados para saber a sequência da história, para testarem suas hipóteses. Então, nesse clima de suspense, o professor anuncia que a leitura será concluída na próxima aula. É uma maneira de cultivar o interesse pela sequência da narrativa.

Contudo, se houver tempo disponível de aula e o clima de “discussão” estiver caminhando bem, o professor pode terminar a leitura no mesmo dia.

Aqui vamos seguir apresentando o texto:

Após pensar um momento, o imperador concordou com o pedido. Ele se sentiu lisonjeado com a ideia fascista, inflada de testosterona, de que o império e seus habitantes somente existiam a fim de que ele se sentisse bem.

É claro que tal tecido especial não existia. Vivendo anos a fio fora dos limites de uma sociedade normal, o alfaiate acabou por desenvolver seu próprio código moral, que o obrigava a tapear e enganar o imperador em nome de todos os artesãos independentes. Assim sendo, à medida que ele diligentemente “trabalhava”, conseguiu convencer o imperador de que estava cortando e costurando tecidos que, no mais estrito e objetivo sentido da realidade, não existiam.

Quando o alfaiate anunciou que tinha terminado, o imperador olhou suas roupas novas no espelho. E, quando se olhava, podia ver seu corpo nu, que, com todos esses anos de exploração do povo, transformou-se numa massa feia, inchada, de carne branca. O imperador naturalmente também via isso, mas fingia que podia ver as roupas maravilhosas, politicamente corretas. Para demonstrar seu novo esplendor, ordenou que no dia seguinte fosse feito um desfile.

O professor pode explorar a discussão daquilo que se vê, daquilo que queremos que seja visto, daquilo que se vê realmente... e trabalhar deduções a partir da discussão e das informações do texto. Pode trabalhar elaboração de ideias seguindo o padrão: “se isto, então aquilo”, procurando focalizar as sequências relevantes, o que auxilia a coerência textual. Pode pedir para os alunos construírem expectativas sobre o desfile, como seria? Construírem hipóteses sobre isso e testar na sequência da narrativa, para depois discutirem as possíveis razões para os acertos e erros.

E a leitura continua:

Assim que amanheceu, seus súditos encheram as ruas para o grande desfile. O boato se espalhou sobre as novas roupas do imperador, que só pessoas esclarecidas, com estilos de vida saudáveis, podiam ver, e todos estavam determinados a ser mais esclarecidos e saudáveis que os outros.

O desfile começou com grande pompa. À medida que o imperador desfilava seu corpo pálido, inchado e patriarcal pela rua abaixo, o povo se admirava com “ohs!” e “ahs!” por causa das novas roupas. Todos menos um menino pequeno que gritou: “O imperador está nu!”

Nesse ponto, a história vai caminhando para um desfecho e pode-se pedir para que as inferências e deduções também caminhem nesse sentido. Interessante também pedir uma reflexão dos alunos sobre a questão das “novas roupas”, expressão apresentada no texto. Pedir para que construam hipóteses sobre o que acontecerá a partir do grito do menino.

O desfile foi interrompido. O imperador parou. O silêncio caiu sobre a multidão, até que um popular esperto gritou: “Não, não está. O imperador está apenas adotando um estilo de vida em que roupas são opcionais!”

Um viva subiu da multidão, e o povo tirou sua roupa e dançou ao sol, como manda a natureza. Daquele dia em diante, no país tornaram-se opcionais os trajes, e o alfaiate, sem seu ganha-pão, empacotou sua agulha e linha, sumiu e nunca mais se ouviu falar dele.

(GARNER, J. F. **Contos de fadas politicamente corretos – uma versão adaptada aos novos tempos**. Tradução e adaptação: Claudio Paiva. Edições: Rio de Janeiro, 1995)

A discussão do final da história pode trazer muitos esclarecimentos em relação às expectativas que foram criadas no decorrer da leitura, e desta vez elas podem ser devidamente apresentadas, discutidas com os alunos, algo que é elaborado ao longo do processo de entendimento de uma mensagem e, exatamente por isso, é extremamente importante que se perceba que tais expectativas são criadas em função do que nos é apresentado, e que buscamos a coerência para produzir sentido. Daí que, quando erramos ao elaborar determinadas hipóteses e analisamos o motivo disso, talvez possamos aumentar muito nosso poder de análise das situações.

Após essa etapa, o professor pode fazer uma leitura completa do texto para organizar o entendimento, a interpretação da história. Mas é importante perceber como houve ganho em conduzir as aulas de leitura construindo as etapas mentais necessárias para a reconstrução da mensagem. Acredito que para formarmos leitores autônomos os alunos têm de ser conscientes e capazes de elaborar todas essas etapas ao longo da leitura, e que percebam a responsabilidade que possuem diante da leitura de um texto. Tudo isso pode ser praticado em aulas legítimas de leitura, que considerem todas as etapas do processo e não apenas a decodificação de letras.

P. R. – *O que você gostaria de destacar no final dessa conversa sobre leitura?*

R. B. B. – A prática da leitura é fundamental para a atuação do sujeito na sociedade, pois está na base de qualquer atividade. Faz parte de qualquer crescimento pessoal ou profissional. Quando utilizamos a palavra “leitura”, ela vem carregada da atividade de interpretação. Portanto, toda alusão ao evento de leitura é constituída de etapas mentais referentes ao processo de interpretação.

E se assim consideramos, o leitor torna-se parte integrante deste processo e necessita estar ciente disso. A fim de que possa engajar-se no evento de leitura, o leitor assume suas responsabilidades. Para que esse cenário possa de fato exercer esse papel, as habilidades de leitura necessitam ser desenvolvidas e, para isso, a escola desempenha papel fundamental, quando promove aulas de leitura em que as habilidades mentais são devidamente dirigidas para esse fim. Por isso, chamar atenção para os envolvidos no evento de leitura, evidenciar o trabalho mental que necessita ser feito e sugerir práticas relevantes para que se alcance tais objetivos são os caminhos que precisamos percorrer. Refletir sobre a prática da leitura em si mesma é algo que não se pode mais adiar. Sigamos!

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRASIL, M. D. E. D. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Fundamental. Língua Portuguesa. Brasília: [s.n.], 1998.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- GARNER, J. F. **Contos de Fadas Politicamente Corretos**. Uma versão adaptada aos novos tempos. Tradução: Cláudio Paiva. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1994.
- GIARDINELLI, M. **Voltar a Ler**. Propostas para ser uma nação de leitores. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- KLEIMAN, Â. **Texto e Leitor**. Aspectos cognitivos da leitura. 4. ed. São Paulo: Pontes, 1995.
- KLEIMAN, Â. **Oficina de leitura**. Teoria e Prática. 14. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- KOCH, I.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender** - os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- LIBERATO, Y.; FULGÊNCIO, L. **É possível facilitar a leitura** - um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2018.
- MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MORAIS, J. **Criar leitores**. São Paulo: Manole, 2013.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Sobre a autora**Rosaura de Barros Baião**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora adjunta do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, com atuação nos cursos de graduação e de pós-graduação. Tem capítulos de livros e artigos publicados sobre fatos da língua, ensino de língua portuguesa, leitura e escrita. Atualmente desenvolve pesquisas para implementação de projeto de leitura com foco em desenvolvimento de habilidades cognitivas.